

SEPARATA

**O FEMININO NOS ARQUIVOS:
*abordagens e problematizações***



Design e paginação - Anabela Cabral ©

Imagem - Arquivo Teófilo Braga | BPARPD

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

2021

COLÓQUIO O FEMININO NOS ARQUIVOS

Ponta Delgada, 16 -18 de novembro de 2020

COMISSÃO CIENTÍFICA

Irene Vaquinhas (FLUC/CHSC)
Marta Lobo Araújo (Universidade do Minho/ Lab2PT)
Maria de Lurdes Rosa (IEM –Universidade Nova de Lisboa)
Sandra Leandro (Universidade de Évora; IHA, FCSH, UNL)
Susana Serpa Silva (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)
Margarida Vaz do Rego (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)
Margarida Sá Nogueira Lalandia (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)
Rute Gregório (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)
Isabel Soares de Albergaria (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Cristina Moscatel (CHAM-A; BPARPD)
Joana M. Couto (BPARPD)
Sónia Sousa Freitas (BPARPD)

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS

Conferência de Abertura - Pensar percursos femininos através dos arquivos das Misericórdias portuguesas da Idade Moderna, Professora Doutora Marta Lobo Araújo (UMinho/Lab2PT);

Painel 1: Escrita íntima: o diário da Condessa de Sabugosa e de Murça (1856-1952), Pedro Urbano (IHC-NOVA FCSH);
- *Correspondence in private and domestic archives in Italy. The case of the letters between Isabella de 'Medici and Paolo Giordano Orsini,* Gilda Nicolai (University of Tuscia);

- *A correspondência da primeira dama de Portugal que nunca chegou a exercer funções: Maria do Carmo Braga (1841-1911),* Joana Couto (BPARPD, FCSH/UAc e CHAM-A/UAc);

Painel 2: Agency femenina en los documentos de las instancias de justicia del mundo português durante los siglos XVI y XVII: una propuesta para la historia de las mujeres en el periodo moderno, Mariana Meneses (FCSH-UNL);

- *O depósito de mulher casada: legislação e processos judiciais da comarca de Coimbra (séc XIX-XX),* Rita Paiva Costa (Centro de História da Sociedade e da Cultura/UC);

- *Queixosas e arguidas - As mulheres nos processos crime dos arquivos judiciais das comarcas da ilha de S. Miguel, Açores (séc. XIX),* Susana Serpa Silva (CHAM-FCSH/UNL-UAc);

Painel 3: De Maria dos Prazeres à Maria de Jesus: as facetas da mulher e da freira reveladas no arquivo de família da Casa de Mateus, Wilson Ricardo Mingorance (FCSH/UNL);

- *Las mujeres de la familia Ara en la documentación del siglo XVI en el norte de Tenerife,* José António González Marrero (Instituto de Estudios Medievales y Renacentistas (IEMYR-ULL);

- *Arquivos e práticas arquivísticas femininas. Portugal, séculos XV-XVI,* Alice Borges Gago (IEM – FCSH/UNL);

- *Arquivar o anarquístico: o arquivo (do) feminino em duas perspectivas,* Gabriela Sá;

Painel 4: Escrituras e escritoras: duas vertentes da presença feminina em documentação de arquivo do século XVII, Margarida Sá Nogueira Lalandia (Universidade dos Açores; CHAM/UNL-UAc; CHAM-A/UAc);

- *Potencialidades das fontes notariais para o estudo das mulheres: o caso de Vila do Conde na segunda metade do século*

XVI, Amélia Polónia (DHEPI / FLUP, CITCEM / FLUP) e Maria João Oliveira Silva (CITCEM / FLUP);

Painel 5: "Para que todos tenham vida": um vislumbre do Arquivo do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração da Maria em Portugal, Anabela Costa e Maria Alice Lopes Santos (Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Província Portuguesa);

- *História e memória de uma congregação religiosa feminina: o Arquivo Histórico da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima,* Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR; CH-ULisboa) e Cátia Tuna (UCP-CEHR);

- *"O que se contém nestes breves capítulos, está justificado com papéis antigos, verdadeiros e autênticos tirados do nosso cartório [...]": Os livros de fundação dos conventos, testemunho do "ofício" de religiosas cartorárias,* Fernanda Maria Guedes Campos (CHAM NOVA FCSH/UAç; UCP CEHR);

- *Os arquivos das casas religiosas femininas como "fonte" para a História das Mulheres: o tombo do Mosteiro de S. Dinis de Odivelas,* Giulia Rossi Vairo (IEM, NOVA/FCSH e CIEBA, FBAUL);

- *Os Arquivos Musicais dos conventos da ilha de S. Miguel: as freiras como intérpretes e copistas entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX,* Isabel Albergaria Sousa (CESEM – NOVA/FCSH);

Painel 6: The feminine presence in a music and drama festival of the Belle Époque: what archives reveal that is missing from public documentation, David Cranmer (CESEM, NOVA-FCSH);

- *O Arquivo de uma Cantora e Divulgadora musical portuguesa: o caso de Ema Romero Santos Fonseca da Câmara Reis,* Alejandro Reyes Lucero (CESEM - NOVA/FCSH);

- *Repensar o corpo como arquivo da figura feminina na dança. Uma leitura a partir de Isadora Duncan,* Inês Zinho Pinheiro (Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa);

Painel 7: Sob o olhar da Micro-História: o papel da professora primária na história da saúde pública em Paredes de Coura, durante o Estado Novo, Maria José Fonte Carranca;

- *Restaurando histórias de professoras, jornalistas e escritoras feministas do Rio Grande do Sul/Brasil (1889-1930),* Clarisse Ismério (URCAMP/ PUCRS) e Edla Eggert (PUCRS);

- *Materiais pedagógicos e biográficos dos arquivos Histórico Militar e do Instituto de Odivelas,* Ana Costa Lopes (CCEP-CEP-Universidade Católica Portuguesa);

- *Evelina de Sousa: pedagoga e defensora dos direitos da mulher,* Isolina Medeiros (UAç);

Painel 8: Representações da gravidez e do parto na imprensa feminina portuguesa: o caso da revista Modas & Bordados entre 1960 e 1977, Dulce Morgado Neves (Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia);

- *O sufrágio feminino nos Açores- perspectivas da (e na) imprensa regional,* Bruna Travassos Valério (CHAM - NOVA/UAç);

- *As mulheres nacionalistas e as eleições presidenciais de 1949,* Sílvia Espírito Santo (Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território/Universidade do Minho);

- *A presença feminina em dois arquivos quase inexplorados: os romances em português e espanhol publicados na França no século XIX,* Paulo Motta Oliveira (USP/CNPq);

Painel 9: Beatriz Pinheiro, feminista, republicana, escritora. (Viseu, 1871-Lisboa, 1922), Anabela Silveira (IHC-FCSH/UNL).

- *Diário de guerra: Testemunho na trajetória da jornalista Yvonne Jean da Fonseca (1940),* Beatriz Pereira da Silva (CFH/UFSC).

- *Uma Mulher Quinhentista em face do(s) Arquivo(s): D. Isabel de Bragança e a construção de uma biografia,* Andreia Fontenete Louro (CHAM / NOVA FCSH);

Painel 10: La reconstrucción del trabajo femenino en el Sur de Tenerife a través de los contratos de aparcería de tomates de la Cámara Agraria de Adeje, Mercedes Chinea-Oliva (ULL);

- *Mancebas. Toleradas. Meretrizes (nas franjas do esquecimento),* Graça Alves (DRC – Madeira);

- *Os processos trabalhistas como fonte para a história das mulheres,* Marcela Heráclio Bezerra (Universidade de Coimbra – UC (Portugal)/ Instituto Federal de Pernambuco – IFPE (Brasil));

- *Mulheres fotógrafas amadoras no Portugal de oitocentos.* Marianna Relvas, phot. amateur, Susana Lourenço Marques (IHA/NOVA FCSH);

Conferência de Encerramento - Arquivos do feminino e o feminino nos arquivos: fontes, questões, métodos (séculos XIX e XX), Professora Doutora Irene Vaquinhas (FLUC/CHSC).

VÍDEOS DAS COMUNICAÇÕES

Video de abertura:

<https://www.youtube.com/watch?v=KcGv6So-Ycg>



Conferência de abertura:

<https://www.youtube.com/watch?v=T-4EUL7UymA>



Painel 1 - Correspondência e Diários:

https://www.youtube.com/watch?v=_B3kYnTRxlG



Painel 2 - Justiça e Criminalidade:

<https://www.youtube.com/watch?v=hhXP5fi2DGk>



Painel 3 - Arquivos de Família e Arquivística:

<https://www.youtube.com/watch?v=uFpZlMwBDFU>



Painel 4 - Fontes Notariais:

<https://www.youtube.com/watch?v=RI-lc-WbGho>



Painel 5 - Instituições Religiosas:

https://www.youtube.com/watch?v=XIL_SoFAA6c



Painel 6 - Artes Performativas:

<https://www.youtube.com/watch?v=1fsdzAxlr8c>



Painel 7 - Educação e Professorado:

<https://www.youtube.com/watch?v=7gGQm0ypk-A>



Painel 8 - Imprensa e Periódicos:

<https://www.youtube.com/watch?v=UKieRtCz4Qg>



Painel 9 - Personalidades:

<https://www.youtube.com/watch?v=2XeQDY609AM>



Painel 10 - Trabalho Feminino:

<https://www.youtube.com/watch?v=0OdUzoP8mIg>



Conferência de Encerramento:

<https://www.youtube.com/watch?v=f1GxWyBz8UM>





Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

Título

O Feminino nos Arquivos: abordagens e problematizações

Edição

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada | 2021

Coordenação Editorial

Cristina Moscatel, Sónia Sousa Freitas, Joana M. Couto

Design gráfico e paginação

Anabela Cabral

Impressão

Gráfica Açoriana.

Exemplares

550

ISBN

978-972-647-389-3

Depósito Legal

484115/21

O FEMININO NOS ARQUIVOS: abordagens e problematizações

SEPARATA

Parcerias do colóquio:



Edição:



Ponta Delgada
2021

De Maria dos Prazeres a Maria de Jesus: as facetas da mulher e da freira reveladas no arquivo de família da Casa de Mateus

Wilson Ricardo Mingorance¹

Resumo: O presente estudo versa sobre a reflexão da representação de D. Maria dos Prazeres, enquanto mulher religiosa, na administração da Casa de Mateus, por meio do seu arquivo, durante a primeira metade do século XX, período em que as mulheres não possuíam voz nos assuntos políticos, económicos e sociais e a documentação preservada sobre elas pouco ou quase nada as valorizava, sobretudo em virtude dos arquivos pessoais e de família não terem o valor probatório face aos arquivos administrativos.

A reflexão traz à tona o objetivo de responder qual foi o lugar da mulher nos arquivos de família das casas senhoriais entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. A metodologia assenta numa abordagem dedutiva mediante o enquadramento teórico sobre as mulheres na história através dos arquivos e a pesquisa de aproximadamente 3.671 fólios, constante do arquivo pessoal de Maria dos Prazeres de Sousa Botelho Mourão e Melo, para a recolha de dados.

O resultado da investigação apresenta a reunião de documentos de Maria dos Prazeres para endossar a sua valorização nos processos decisivos da família e oferecer o contributo à arquivística e à historiografia ao desvelar uma das características basilares do Arquivo da Casa de Mateus que é a preservação da memória de todas as personagens e, neste caso em especial, de uma mulher religiosa.

Palavras-chave: Casa de Mateus; Arquivo de Família; Arquivo de Mulheres



¹ Licenciado em História pela Universidade Federal de São Paulo, Mestre em Ciências da Documentação e Informação pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Discente do Programa de Doutoramento em História (Arquivística Histórica) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Desde 2018, exerce a função de Arquivista na Fundação da Casa de Mateus. ORCID: 0000-0002-4270-7990
wrmingorance@campus.ul.pt
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Introdução

Qual foi o lugar da mulher nos arquivos de família das casas senhoriais entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX? A referida problemática foi suscitada durante a organização arquivística dos documentos da Casa de Mateus, em especial dos documentos de uma das mulheres da família: Maria dos Prazeres de Sousa Botelho e Melo. Maria dos Prazeres nasceu em Lisboa, no dia 24 de janeiro de 1869, e morreu na mesma cidade no dia 28 de julho de 1955. No ano de 1899, iniciou a sua vida religiosa na Ordem de São José de Cluny e adotou o nome *Irmã Maria de Jesus*.

A documentação da vida pessoal, familiar e religiosa de Maria dos Prazeres totaliza 3.671 fólios entre correspondência, pinturas de autoria própria, fotografias, notas autobiográficas e coleções pessoais.

O conteúdo deste espólio não nos mostra uma Freira com o foco apenas na vida religiosa, antes, apresenta-nos as suas facetas como herdeira de uma casa senhorial, preocupada com as ações de preservação e gestão dos bens e do património da família e, também, com o cenário político do país durante a transição da Monarquia para a República.

O seu contributo muito velado e discreto pela característica que lhe foi particular enquanto religiosa e pelo facto de ser mulher não fica escondido nos conteúdos constantes do Arquivo da Casa de Mateus. Se a Maria de Jesus foi importante nas ações ligadas à religião em Cluny (1899), Stafford (1901), Roma (1929), Coimbra (1930), Torres Novas (1944) e em Lisboa (1946), a Maria dos Prazeres foi, de igual modo, uma personagem chave para condicionar os rumos tomados pela Casa de Mateus durante toda a primeira metade do século XX.

Deste modo, a investigação coaduna o estudo de caso e o biográfico, à luz da literatura Arquivística e Histórica, questionando o papel submisso da mulher à sombra dos homens nas casas senhoriais entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX e traz à baila, por meio dos arquivos, a representatividade real das mulheres no processo decisório na administração da família.

1. As mulheres na história através dos arquivos pessoais

A História, ao longo do Século XX, revela eventos que simbolizam as conquistas das mulheres em várias áreas que cristalizaram a memória de suas figuras e de seus feitos. Neste sentido, este tópico tem a intenção de refletir sobre a representação das mulheres escondidas em seus arquivos pessoais, nos documentos produzidos por elas ou por terceiros.

O estudo sobre a representação das mulheres através dos arquivos pessoais ganhou força na década de 1980, especialmente com o advento da Nova História em 1970² e, com o diálogo interdisciplinar entre as várias áreas do conhecimento,

“onde se operam alterações epistemológicas que se refletiram na utilização dada aos arquivos, a partir da incorporação nas abordagens das renovadas ciências humanas e sociais da micro-história e das perspectivas micro-sociológicas, onde se deu relevo ao papel dos indivíduos na construção dos fenómenos sociais”³.

Não obstante este diálogo interdisciplinar e o avanço dos estudos sobre as mulheres nos arquivos, uma das problemáticas fulcrais mencionadas por alguns dos estudiosos do tema refere-se à inexistência de informação sobre as mulheres em virtude delas não serem retratadas por elas próprias e, muitas delas, não deixarem um diário ou algum escrito que revelasse uma autobiografia⁴. Este facto, resultou numa interpretação subjetiva de terceiros, supostamente homens protagonistas da “história dos vencedores”⁵ (tema explorado por Edward P. Thompson) e produtores de uma narrativa que atribuíram à mulher um papel coadjuvante, submissão cristalizada em virtude da dominação masculina, conforme esclarecem Michelle Perrot e Pierre Bordieu.⁶

Outrossim, merece destaque o estudo atual realizado por Zélia Pereira que nos apresentou, mediante a análise quantitativa, o número de casas de memórias portuguesas que possuem arquivos de mulheres. Estas casas de memória têm se atendado para uma reflexão sobre os seus arquivos femininos e têm realizado uma descrição arquivística mais aturada.

Em resumo, Zélia Pereira apresenta, já em suas linhas introdutórias, a seguinte conclusão:



² Burke, P. (1992). A nova história, seu passado e seu futuro. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP.

³ Pereira, Z. M. C. (2019, September). Mulheres e Arquivos Pessoais nas Instituições de Memória Portuguesas. In IX Seminário de Saberes Arquivísticos, p. 90.

Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/ixsesa/ixsesa/paper/viewFile/4635/2811>

⁴ Woolf, 1985, p. 59-60 apud Simioni, A. P. C., & Eleutério, M. D. L. (2018). Mulheres, arquivos e memórias. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 20.

⁵ Fabro, A. M. (2017). O relógio ou nós? Uma visão da invenção do tempo social na percepção político-cultural de Edward P. Thompson. Em Debate, 1(17), 55-69.

⁶ Tedeschi, L. A. (2012). As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica. Universidade Federal da Grande Dourados, 25.

“De facto, as mulheres encontram-se ainda sub-representadas nas instituições de memória portuguesas, quer em relação aos homens, quer na representação da sua intervenção em diversas áreas sociais, culturais ou profissionais. O menor número de arquivos de mulheres radica-se em complexos fatores sociais, por razões que se prendem com a pouca relevância dada pelas próprias mulheres, durante muito tempo, à preservação da sua memória individual”⁷.

O trabalho realizado por Zélia Pereira é de grande valia para a análise do universo feminino no que diz respeito a sua memória, por meio dos arquivos e propõe uma reflexão sobre a representação silenciada das mulheres, mas que nas últimas quatro décadas passaram a ganhar atenção, tornando-as “sujeito histórico”⁸.

A referida reflexão justifica-se em virtude do arquivo pessoal de Maria dos Prazeres de Sousa Botelho e Melo contrapor a característica de subrepresentação do arquivo pessoal de mulheres que viveram no mesmo período e possuíam papéis secundários, segundo a narrativa de alguns estudiosos.

Ao analisar de forma muito sumária o arquivo pessoal de Maria dos Prazeres imagina-se encontrar nele a figura recatada dos atributos femininos do seu período, mas ao se debruçar com lupa nos pormenores de seus documentos, observam-se detalhes que revelam um arquivo pessoal muito distante de ser secundário na família, antes revela uma mulher e religiosa gestora e protagonista de processos decisivos em muitas ações.

Esta descoberta nos levou a uma pergunta chave para este estudo: o que o trabalho de investigação e de descrição arquivística mais aturada dos arquivos pessoais de mulheres podem nos revelar?

“Acompanhando este interesse, assistiu-se a um aumento gradual da presença de arquivos de origem privada em bibliotecas, arquivos e museus. As aquisições ativas ocorreram um pouco por todos os países, incluindo Portugal, num movimento de incorporação de arquivos familiares e pessoais em diversas instituições de memória, sob os mais distintos propósitos. Este movimento deu origem a uma proliferação de repositórios e a uma apropriação

maciça dos arquivos pela sociedade, numa “sacralização” do arquivo que não se limitou à criação de uma nova sensibilidade face ao que era o documento considerado de valor histórico, mas que também se relaciona com a ideia global de um dever de memória [...] Ao mesmo tempo, os arquivos têm vindo a transformar-se num recurso fundamentado na natureza pluralista da sociedade, deixando de ser uma fonte cultural e patrimonial apenas para uma elite académica, para se tornarem uma base social de identidades”⁹.

Diante das exposições, alguns arquivos pessoais e de família podem revelar o papel decisivo de mulheres na História e este artigo pretende refletir sobre a memória dos feitos da mulher Maria dos Prazeres (Irmã Maria de Jesus).

2. O arquivo pessoal de Maria dos Prazeres de Sousa Botelho e Melo

2.1. De Maria dos Prazeres à Maria de Jesus: breve nota biográfica

Maria dos Prazeres de Sousa Botelho e Melo foi parte integrante da décima primeira geração da linha axial da família da Casa de Mateus, cuja origem data do ano de 1577. Nasceu no dia 24 de janeiro de 1869 na cidade de Lisboa e faleceu, no dia 28 de julho de 1955, na mesma cidade. Foi filha dos oitavos e últimos Morgados de Mateus, D. José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, 3º Conde de Vila Real (1843-1923) e D. Teresa Francisca de Melo Breyner de Sousa Tavares e Moura, 2ª Condessa de Melo (1848-1926). Maria dos Prazeres foi irmã de D. Fernando de Sousa Botelho e Melo, 4º Conde de Vila Real (1870-1928) e de D. Maria Theresa de Sousa Botelho e Melo, 5ª Condessa de Vila Real e 4ª Condessa de Melo (1871-1947). Durante a infância e juventude trocou cartas com os pais e as tias em que Maria era referida de forma carinhosa como *Pichini*¹⁰. Mais tarde, também trocou cartas com o seu cunhado D. Fernando de Almeida Cardoso de Albuquerque, 2º Conde de Mangualde (1874-1932).

A sua educação foi regida pela batuta de uma governanta irlandesa e além da etiqueta comum às jovens de sua época, desenvolveu uma prática mais inclinada para pintura. Os seus desenhos se encontram preservados pelo Arquivo da Casa de Mateus¹¹.

⁷ Pereira, Z. M. C. (2019, September). Mulheres e Arquivos Pessoais nas Instituições de Memória Portuguesas. In IX Seminário de Saberes Arquivísticos, p. 88.

Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/ixsesa/ixsesa/paper/viewFile/4635/2811>

⁸ Pereira, Z. M. C. (2019, September). Mulheres e Arquivos Pessoais nas Instituições de Memória Portuguesas. In IX Seminário de Saberes Arquivísticos, p. 90.

Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/ixsesa/ixsesa/paper/viewFile/4635/2811>

⁹ Idem 8 apud Heymann, 2007, 15-44 e apud Mckemmish e Piggott, 2013.

¹⁰ [Carta recebida] pelo 3º Conde de Vila Real, enviada por Anselmo. 1871/01/24. SICM / SSC 10.01 / CARTA RECEBIDA (G. 1170.09 p.1-3).

¹¹ [Memória biográfica] da Irmã Maria de Jesus de Sousa. s.d.

No ano de 1899, Maria dos Prazeres ingressou na vida religiosa e se tornou a Irmã Maria de Jesus. Durante os cinquenta e cinco anos em que seguiu a vida religiosa foi idealizadora de importantes projetos pelas entidades por onde esteve, sendo, na Ordem de São José de Cluny (1899-1901), em St. Joseph's Convent em Stafford (1901-1920), Casa Mãe da Ordem de Cluny em Roma onde desempenhou a função de Madre Superiora na Via Leonardo da Vinci (1920-1929), Senlis como Madre Superiora (1929-1930)¹², Colégio da Rainha Santa Isabel no antigo Convento de Santa Clara em Coimbra (1930-1944), onde realizou um trabalho de referência¹³, Colégio de Santa Maria em Torres Novas (1944-1946), sendo que neste local realizou um importante trabalho de tradução para o idioma francês sobre a vida da Madre Ana Maria Javouhey que foi a fundadora das Irmãs de São José de Cluny¹⁴ e, por fim, Centro Social Menino de Deus (1946-1955) em Lisboa, onde se destacou em projetos de visita aos pobres, da montagem de um atelier de costura e de reconstrução do Centro Social¹⁵. A Freira permaneceu no Centro até o seu falecimento em 1955.

Não obstante a sua dedicação à vida religiosa, o hábito não a despreendeu da administração da Casa de Mateus, que vivia os ventos conturbados da transição da Monarquia para a República e a correspondência trocada entre os irmãos e o cunhado mostraram que a Irmã Maria de Jesus parecia, por vezes, desprender-se da faceta religiosa para vestir-se da Maria dos Prazeres, a fim de assegurar que a gestão da Casa mantivesse os preceitos idealizados pelas gerações anteriores¹⁶.

2.2. No convento sem esquecer a Casa e a família: a correspondência de Maria dos Prazeres

A documentação sobre Maria dos Prazeres desperta o questionamento sobre a sub-representatividade das mulheres nos Arquivos, pois o Arquivo da Casa de Mateus tem preservado o seu todo documental, o que não permitiu e não permite que a memória das personagens desta Casa fosse suprimida ou sub-representada, antes, essa documentação salvaguarda os factos históricos entre os séculos XVI e XXI, por meio do arquivo da família e, atualmente, da Fundação.



¹² [Carta recebida] pela 3ª Condessa de Vila Real, enviada por Maria dos Prazeres [de Sousa Botelho e Melo]. 1929/05/25. SICM / SSC 10.01 / CARTA RECEBIDA (G. 1043.03 p 118).

¹³ [Carta recebida] pela 3ª Condessa de Vila Real, enviada por Maria dos Prazeres [de Sousa Botelho e Melo]. 1930/08/05. SICM / SSC 10.01 / CARTA RECEBIDA (G. 1043.03 p156 - 157).

¹⁴ Idem 11 e [Carta recebida] pela 3ª Condessa de Vila Real, enviada por Maria dos Prazeres [de Sousa Botelho e Melo]. 1931/11/08. SICM / SSC 10.01 / CARTA RECEBIDA (G. 1043.03 p216 - 217).

¹⁵ Idem 11.

¹⁶ [Cartas recebidas] pela 3ª Condessa de Vila Real, enviadas por Maria dos Prazeres [de Sousa Botelho e Melo]. 1925/09/18. SICM / SSC 10.01 / CARTA RECEBIDA (G. 1116.12 p7 - 18).

Neste sentido, é possível identificar, ao nível do detalhe, a representação de Maria dos Prazeres no seio de uma família, enquanto religiosa e os aspetos tão vívidos da mulher realçados em sua escrita através da análise de sua correspondência.

Foi identificado o total de 3.671 fólios de documentos textuais entre correspondência, desenhos, notas autobiográficas e postais e, deste montante, observou-se que as cartas trocadas entre a irmã e o cunhado são as que salientam os traços de gestora de Maria dos Prazeres nos negócios da família, uma figura firme e com autoridade nos processos decisórios, mas com uma postura terna.

2.2.1. “Minha querida Theresa”: cartas para a irmã

A correspondência de Maria dos Prazeres para a irmã Maria Theresa totalizaram 566 fólios dentro do universo de 353 cartas, com data extrema de 1900 até 1947, ano em que as cartas entre as irmãs cessaram em virtude do falecimento de D. Maria Theresa.

Ao analisar o conteúdo das cartas, observou-se uma estrutura muito semelhante em todas. O preâmbulo de cada uma das cartas assinalava “Minha querida Theresa”, ora seguido de uma cobrança muito sutil pela ausência de escrita por parte da irmã, ora preocupada com algum aspeto de saúde de alguém da família. Os demais parágrafos eram regados de questionamentos sobre aspetos da administração da Casa de Mateus, mas acerca de temas específicos como os valores de vendas ou aquisições do acervo material da Casa, da produção da Quinta, da gestão dos “empregados” da Casa e da conjuntura política e social do país na primeira metade do Século XX.

Nos primeiros anos de ingresso na vida religiosa, Maria dos Prazeres mostrou-se deslumbrada com a novidade e, por isso, as cartas enviadas aos pais e a irmã contavam sobre a vida no Convento e traziam algumas fotografias. Ao longo dos anos, as cartas assumiram novos teores, as informações sobre as suas realizações nos Conventos eram mínimas, citava-as, mas esgotava o tema em algumas linhas e, novamente voltava toda atenção para a administração da Casa.

A Casa de Mateus, no final do Século XIX e na primeira metade do Século XX, vivenciou a efervescência de um cenário político e social dinâmico. O final do Século XIX marcou o fim do Morgadio, atribuído nas oito gerações anteriores e as duas primeiras décadas do Século XX foram marcadas pela transição da Monarquia para a República.

O primeiro evento representou uma rutura de anos na família e o segundo gerou uma crise para várias famílias nobiliárquicas. Neste íterim, personagens

de várias casas senhoriais se envolveram nas Incursões Monárquicas¹⁷, assim como o cunhado de Maria dos Prazeres, D. Fernando Albuquerque, 2º Conde de Mangualde.

Paralelas às questões políticas surgiram os problemas familiares, a maior parte decorrente do cenário político conturbado e que podia estremecer os pilares da Casa, caso não houvesse uma administração aplicada. Na ocasião, a administração estava nas mãos do pai, D. José Luís e da mãe D. Teresa Francisca, bem como do irmão D. Francisco de Sousa, da irmã D. Maria Theresa e do cunhado D. Fernando Albuquerque.

Neste sentido, as décadas de 1920 e 1930, que exigiram uma gestão atenciosa pelos referidos membros da Casa, foram marcadas pelo luto com o falecimento do pai D. José Luís em 1923, da mãe D. Teresa Francisca em 1926, do irmão D. Fernando de Sousa em 1928 e do cunhado D. Fernando Albuquerque em 1932. Pode-se dizer que as perdas obrigaram as irmãs a assumirem o papel de administradoras da Casa, embora, as cartas entre ambas revelam que Maria dos Prazeres já tinha esse papel e administrava os negócios a distância por meio de “business letters” em conjunto com a irmã, o irmão e o cunhado.

Dentre as cartas, as irmãs debatem muitas vezes sobre as notícias da vida política do país:

“Minha querida Theresa [...] Obrigada pelos jornais. O Diário de Notícias tem imensas cousas interessantes. Não te esqueças de mandar o de hoje. Afinal foram 110 os nossos vermelhos. Deus queira que Portugal se levante agora como num só homem”¹⁸.

Em outra ocasião, relatou à irmã um momento de conversa política com um amigo:

“[...] Ontem falando ao genro da Antonia que é ótimo rapaz e era ardente ‘camisa azul’ perguntei se não se enrolava na ‘Legião’. Vi que hesitava e depois disse-me: ‘é que o Rolão Preto foi chamado pelo Salazar e quero ver em que isso dá’. O que haverá n’isto? Decerto não ouviste nada senão tinhas-me dito”¹⁹.

¹⁷ Ver: de Souza Botelho, T. (2002). Memórias da Condessa de Mangualde: incursões monárquica, 1910-1920. Quetzal Editores.

¹⁸ Carta enviada por D. Maria dos Prazeres à irmã D. Maria Theresa. 10 de Setembro de 1936. Grupo de Envio 1289.24.

¹⁹ Carta enviada por D. Maria dos Prazeres à irmã D. Maria Theresa. 12 de Setembro de 1936. Grupo de Envio 1289.24.

Uma das cartas mais importantes trocadas com a irmã diz respeito ao futuro da administração da Casa de Mateus e, nesta carta, Maria dos Prazeres decide tornar o seu sobrinho D. Francisco Albuquerque, filho de D. Maria Theresa e D. Fernando Albuquerque, o herdeiro da Casa e de suas propriedades.

“[...] elle está convencido que tu não gostas que ele venha a ter Matteus. E citou-me uns ditos teus a que ele dava essa significação. Já se vê que eu disse-lhe logo que isso era impossível, que tu tinhas sempre aprovado a minha intenção de lhe deixar Matteus e que eras bastante inteligente para vêr que Matteus (a Casa e a Quinta) não podia ser dividido e que ficando nas mãos d’um só, evidentemente devia ser nas suas visto ser ele o único filho e representante da família, que, além d’isso, como mãe carinhosa, não podias deixar de estar contente de o ver beneficiar do meu legado. Ele, coitado, até me pediu que não lhe deixasse Matteus, mas a ti. Não imaginas a pena que isto me fez, pois ele que já está sofrendo tanto por lhe ter falhado o seu sonho, viu-se agora frustrado (segundo a sua impressão) d’outra esperança que lhe era agradável, é pena sobre pena que o deve torturar. Eu fiz o possível por desfazer esta ideia, mas só tu é que a podes fazer desaparecer completamente”²⁰

Fica evidente na carta o cuidado que D. Maria dos Prazeres possuía com o seu legado e a preocupação em deixá-lo exclusivamente ao sobrinho D. Francisco Albuquerque, muito possivelmente, para auxiliar o sobrinho nos negócios em conjunto com D. Maria Theresa, ainda em vida, e se sentir confiante na capacidade do sobrinho em administrar a Casa e salvaguardar a memória da família por meio da preservação dos bens, apanágio da Casa de Mateus. As “business letters” de Maria dos Prazeres revelam a sua atuação em conjunto com o sobrinho quando passam a tratar das contas das propriedades e do estudo e diagnóstico do terreno da Quinta de Vilalva para o desenvolvimento da plantação de Maças²¹.

Maria dos Prazeres e o cunhado D. Fernando Albuquerque tiveram um número muito inferior em relação às cartas trocadas com a irmã. Porém, mesmo nestas poucas cartas é possível fundamentar um pouco mais a sua representatividade enquanto gestora da Casa de Mateus.

²⁰ Carta enviada por D. Maria dos Prazeres à irmã D. Maria Theresa. 25 de Outubro de 1931. Grupo de Envio 1289.24.

²¹ Dossier do Estudo referente ao estabelecimento de um Pomar na Quinta da Casa de Mateus – proprietária D. Maria dos Prazeres de Sousa e Melo.

2.2.2. “Querido Fernando”: carta para o irmão

As cartas, telegramas que o D. Fernando de Sousa enviou para a irmã ao longo dos anos eram sempre concisas e esporádicas, mas não se esquecia de cumprimentar a irmã todos os anos em seu aniversário, 24 de janeiro.

Uma das cartas em que a Maria dos Prazeres responde ao irmão é em agradecimento as felicitações dos seus anos em 1928, último ano em que leu uma carta do irmão. Foi, justamente, nesta carta que Maria dos Prazeres nos deixou mais evidente a sua representatividade nos negócios.

“[...] as explicações que me dás sobre os nossos negócios são, como sempre, muito claras e justas. Percebo perfeitamente as demoras inevitáveis em obter todos os dados necessários sendo as propriedades dos nossos Paes tão variadas de genero e tão afastadas uma das outras. Felizmente temos vivido até hoje, e espero que continuemos a viver, na maior harmonia e tudo se faria a seu tempo [...]”²²

A família, além da Casa de Mateus, possuía propriedades em Lisboa e na região do Alentejo, precisamente em Portalegre onde situava-se a Quinta de Almojanda, propriedade que o irmão D. Fernando de Sousa estava encarregue de cuidar.

Entretanto, ainda que tanto o D. Fernando de Sousa (irmão), como o D. Fernando Albuquerque (cunhado) estivessem a administrar as propriedades da família, a D. Maria dos Prazeres exigia os dados de todas as contas e fazia a aferição dos processos que exigiam maiores decisões.

Um dos casos foi a venda de mobiliários e de um colar de esmeraldas que pertencia a família.

“[...] o nosso cunhado também falla na venda possível do colar de esmeraldas. por um lado faz imensa pena vêr desaparecer essa jóia de família digna d’uma casa real. Mas, dadas as circunstâncias em que estamos todos, uma jóia d’essas seria o que os ingleses chamam ‘white elephant’, uma cousa rara e preciosa mas perfeitamente inútil. Elle falla em 800 contos que parece um optimo preço mas, por amor de Deus, informem-se bem do valor real e não deixem sahir de casa o colar sem ter o dinheiro na mão! [...]”²³

²² Carta enviada por D. Maria dos Prazeres ao irmão D. Fernando de Sousa. Via Leonardo da Vinci Roma, 22 de Fevereiro de 1928. Grupo de Envio 1294.12

²³ Carta enviada por D. Maria dos Prazeres ao irmão D. Fernando de Sousa. Via Leonardo da Vinci Roma, 22 de Fevereiro de 1928. Grupo de Envio 1294.12.

Não foram trocadas muitas cartas entre ambos, ausência reclamada em várias epístolas da Freira. Contudo, no arquivo pessoal de D. Fernando de Sousa verificou-se que o maior número de cartas era entre ele e a sua mãe. Durante a investigação, houve uma dificuldade em distinguir as cartas que Maria dos Prazeres enviou para o irmão e para o cunhado em virtude de possuírem o mesmo nome e, também, em razão da Freira tratar o cunhado como um irmão.

A identificação só foi possível uma vez que Maria dos Prazeres relatava sobre o “Fernando irmão” nas cartas e, também, se referia a mulher Maria Theresa e os filhos o que nos deu indícios de que se tratava do cunhado. Outro indício foram as cartas com o mesmo tratamento após o falecimento de seu irmão em 1928.

Neste sentido, Maria dos Prazeres trocou mais cartas com o seu cunhado do que com o seu irmão.

2.2.3. “Querido Fernando”: cartas para o cunhado

A correspondência de Maria dos Prazeres para o cunhado D. Fernando Albuquerque totalizou 20 fólios do total de 11 cartas. Pese embora, houvesse o tratamento carinhoso e a Irmã Maria de Jesus tratasse o cunhado como o seu “irmão”, não faltavam na escrita os elementos de autoridade para a prestação de contas dos negócios da Casa através das cartas e, por vezes, Maria dos Prazeres chamou-lhe a atenção pela escrita esporádica e reclamou a ausência completa de notícias do “outro Fernando”, fazendo menção ao seu irmão o D. Fernando de Sousa:

“Meu querido irmão,

Ainda bem que de vez em quando tem ocasião de me escrever uma ‘business letter’ senão até me esquecia da sua caligraphia. Enquanto ao outro Fernando nem mesmo o ‘business’ tem o poder de fazer sair a sua penna d’uma inacção que me faz verdadeiramente pena”²⁴.

Entretanto, pareciam alinhar nas alternativas para a resolução dos problemas administrativos e jurídicos da Casa, tanto que Maria dos Prazeres emitiu no dia 19 de novembro de 1927 uma procuração para que o D. Fernando

²⁴ Carta enviada por D. Maria dos Prazeres ao irmão D. Fernando de Sousa. Roma, 5 de outubro de 1927. Grupo de Envio 1294.12

Albuquerque pudesse administrar a Casa em seu lugar, uma vez que ela estava em Roma “Recebi hontem a sua carta e hontem mesmo fui tratar da minha procuração”²⁵.

Em outra ocasião, no dia 1 de junho de 1928, elogiou a sua administração

“[...] em primeiro deixe-me dar-lhe os parabéns que se está revelando um administrador de mão cheia [...]”²⁶.

Nesta mesma carta lamenta o falecimento do irmão D. Fernando de Sousa

“Eu ainda não me posso acostumar à ideia de nunca mais ver o nosso Fernando. Já se vê que torna pior, mais aniquilante este desgosto é o elle ter sido tão absolutamente imprevisito. quando foi do Pai e da Mãe, a sua idade e o seu mau estado de saúde tinhamos familiarizado com a ideia de os perder. Estavamos preparados para o golpe e apesar de ser imenso também o desgosto, o choque foi muito menor. Mas com este nosso irmão foi tudo junto: desgosto, choque, horror e angústia, um enorme abalo, de que custa a levantar-se quem por lá passou. Coitadinho! Deus o tenho em bom lugar!”²⁷

Quatro anos depois, em 1932, Maria dos Prazeres perde o cunhado e administrador da Casa e outorga, como já tinha previamente pensado, a administração da Casa de Mateus ao sobrinho D. Francisco Albuquerque, que foi o responsável por um dos mais importantes planos de ação da família, a instituição da Fundação da Casa de Mateus em 3 de Dezembro de 1970, meandros que não estão previstos no escopo desta investigação, considerando os tantos números de artigos que já esclareceram sobre esta matéria.

Considerações Finais

O resultado apresentado pelo referido estudo reuniu 3.671 fólios de diferentes tipologias documentais, sendo: 3.477 fólios de correspondência; 50 fólios de contas; 69 fólios de desenhos; 32 fólios de estudos; 16 fólios de notas autobiográficas; 1 fólio de nota biográfica; 1 fólio de guia; 12 fólios de pagelas; 13 fólios de postais.

²⁵ Carta enviada por D. Maria dos Prazeres ao cunhado D. Fernando Albuquerque. Roma, 19 de novembro de 1927. Grupo de Envio 1294.12.

²⁶ Carta enviada por D. Maria dos Prazeres ao cunhado D. Fernando Albuquerque. Roma, 1 de Junho de 1928. Grupo de Envio 1294.12.

²⁷ Idem 26.

O conteúdo destes documentos atesta a representação de Maria dos Prazeres, notória não apenas em virtude de seus planeamentos estratégicos na administração da Casa por meio da gestão financeira para que a família pudesse sobreviver aos percalços políticos, económicos e sociais, mas, especialmente pelo seu poder de liderança e pela sua capacidade de gerir conflitos e assegurar uma harmonia entre todos os entes da família para que nada pudesse repercutir nos seus “business” e, também, na sua visão estratégica acerca do futuro da Casa.

Outrossim, *pari passu* ao contributo dado pela Maria dos Prazeres à administração da Casa destacam-se, também, as realizações da Irmã Maria de Jesus nos Conventos por onde passou, já mencionadas nos tópicos anteriores.

Deste modo, os 3.671 fólios da documentação de D. Maria dos Prazeres não a subvalorizam pelo facto de ser mulher e freira, ainda que tenha vivido numa época em que a mulher parecia não ter voz, prerrogativa muito comum na literatura arquivística e na historiografia.

O estudo, entretanto, mostrou-nos a singularidade do Arquivo da Casa de Mateus, primeiro, em razão do “cuidado obsessivo” em garantir a preservação de todo o acervo material e documental da família apregoado pelo 4º Morgado de Mateus, D. Luís António de Sousa Botelho Mourão (1722-1798), mas seguido à risca e com todo esmero pela sua mulher D. Leonor Portugal (1722 – c1806).

Deste modo, é importante frisar que as mulheres da Casa de Mateus não estão subrepresentadas, antes, o Arquivo da Casa apresenta-nos, além de D. Maria dos Prazeres, outras mulheres que tiveram um papel elementar nos processos decisivos da Casa na amálgama das conjunturas dos pilares da existência humana.

Não há como falar da Casa de Mateus e deixar à margem D. Maria Coelho (a velha), representante da 3ª geração da família e 1ª Morgada de Mateus. Não há como deixar de falar da administração de D. Leonor Portugal, que geriu a Casa de Mateus junto à Corte no período pombalino, enquanto o 4º Morgado de Mateus esteve em missão no Brasil como Governador da Capitania de São Paulo por dez anos. Escrever sobre a Casa de Mateus é também resgatar as Memórias da Condessa de Mangualde, D. Maria Theresa, que conciliou o apoio ao marido durante as Incursões Monárquicas, a criação dos filhos e a administração da Casa em conjunto com a sua família e, em especial, com Maria dos Prazeres, objeto deste estudo.

Por fim, a investigação não nos fecha uma temática, antes, abre muitas outras sobre o lugar do Arquivo da Casa de Mateus na literatura arquivística e na historiografia no que diz respeito a representação das mulheres e suscita-nos o mergulho em novos estudos, nomeadamente, a entender a representatividade

das mulheres aqui mencionadas e outras descritas no acervo documental da Casa de Mateus para o início de um novo estudo, “As Mulheres de Mateus”.

O FEMININO NOS ARQUIVOS: *abordagens e problematizações*

A obra **Arquivos no Feminino: abordagens e problematizações** é o resultado das comunicações apresentadas no Colóquio *Arquivos no Feminino*, que decorreu em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, de 16 a 18 de novembro de 2020, organizado e promovido pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, em parceria com o CHAM – Açores (núcleo do CHAM – Centro de Humanidades, da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores), o IEM (Instituto de Estudos Medievais – Universidade Nova de Lisboa) -, bem como com instituições culturais locais – ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada) e HS (Associação Cultural Histórias Sábias).

Os artigos ora apresentados analisam e revelam o papel da Mulher, através das ausências e presenças do feminino nos mais diversos arquivos, de índole pública e privada, numa cronologia alargada que abrange os séculos XVI a XX. Por esse motivo, apresenta amplas abordagens temáticas e as análises possíveis, no intento de tocar a área cultural e artística, política e institucional, económica e social, bem como, e até, a sociológica e literária. O objetivo foi alcançado: realçar os arquivos femininos, mas igualmente o feminino nos arquivos.